

**coleção
poesia
viva**

**DESVIO PARA O VERMELHO
TREZE POETAS BRASILEIROS
CONTEMPORÂNEOS**

**MARCELI ANDRESA BECKER
(ORGANIZAÇÃO)**

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

**DESVIO PARA O VERMELHO
TREZE POETAS BRASILEIROS
CONTEMPORÂNEOS**

**MARCELI ANDRESA BECKER
(ORGANIZAÇÃO)**

DANIEL FARIA

SOBRE O AUTOR

Daniel Faria é historiador e poeta. Autor do livro de história *O mito modernista*, publicado pela EdUFU em 2006. Publicou *Matéria-prima*, pelo projeto Dulcineia Catadora, em 2007. Acaba de ser incluído na *Pequena cartografia da poesia brasileira contemporânea*, organizada por Marcelo Ariel e editado pela Caiçaras. Seu *Livro de orações* está no prelo, pela série *Caixa Preta*, da Lumme. Outros textos de sua autoria podem ser encontrados no blog Língua Epistolar (<http://linguaeipistolar.blogspot.com>) e na Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmargens (<http://mallarmargens.com>).

40 DIAS

Durante 40 dias houve o dilúvio sobre a terra.

1. O escudo de Aquiles, PanAmérica XXI

bustrofédon
escrevendo pra apagar
os rastros
alastrando rasuras
sobre um escudo
 (ao centro o Oito-Olhos,
 depois eremitas e seus palimpsestos,
 coqueiros bidimensionais,
 e um lago de águas paradas,
 no círculo seguinte alto-falantes
 e cidadãos deitados em divãs psicanalíticos.
 no último círculo satélites
 antenas parabólicas
 e o sol em cores primárias
 sustentado por mãos invisíveis
 de unhas vermelhas reluzentes)

escrevendo à navalha no escudo
no escud
 no scud
 no scuro
no escuro

2. Vá de retrato

O que temos?

nós que, não sobrevivemos,
mas vivemos do dilúvio.

no espelho verde-irônico, contra o sol vermelho,
a arca descomunal e seu capitão:

cabra-velha parida não sei onde
cara de anjo pinto de marmanjo
a mula que cagava dinheiro

na mão direita uma pomba,
na mão esquerda um corvo e a letra B

e os 7 pares de bactérias homicidas.

deus, alá, satã ou jeová
quem criou a desmesura deste leviatã?

3. Guerra Total em Estilhaços

Nada escapa ao que jamais mergulha,
à maresia,
à invasão de Mar & Cia
no litoral.

a semprevigilante
câmera de oito-olhos de sal
carcome o que cerca,
a boca insone
mastiga tudo o que se cria
em matéria de coisa durável

desde que o mundo é mundo
do cetno contabilista de Posêidon
ao panóptico do mar
o tempo maresia,

maresia o ferro de passar roupa
e a sede em tua boca
os cetnos de metal
e as lentes de leviatã
as cercas de arame farpado
e os bólidos de Baal
a descomunal arca de aço
e os 7 casais de sereias holográficas.

nos braços de novos poetas românticos
a ferrugem aparece como tatuagem
em traços que lembram corvos ou pombas,

eflúvios oceânicos em seus olhos de sal.

os comedores de bandeiras
são ainda mais letais
com as ambivalentes dentaduras
da maresia em desmesura.

4. Sem ramos de oliveira

a invasão de Mar & Cia no litoral,
prolonga-se além dos esperados
150 dias
os pássaros não têm mais onde pousar:

indefinidamente,
seremos feras submarinas.

DIOGO CARDOSO

SOBRE O AUTOR

Diogo Cardoso nasceu em São Bernardo do Campo (SP) e é estudante de Letras na Universidade de São Paulo. Foi um dos organizadores do Sarau Faça pArte (2004/2006) e um dos curadores do projeto Clarice Lispector" (2008), realizados em parceria com a Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. Mantém o blog Rascunho à Máquina (<http://rascunhoamaquina.com>).

OS FOGOS

minha voz grita
a distância que seus cabelos
cantam fogos ateados.

o grito bate nos cabelos,
voz de fogo ardendo púrpura em sua
boca que guarda esse meu grito oco.

longe.

o desespero queima as idades,
meu grito estancado no vento
onde seus cabelos deitam
carícias que minha voz guarda silêncios.
– seus cabelos de rosáceas mudas.

grito o desespero oblíquo de não tocar-me

os seus cabelos que não
me batem luzes líquidas
a sua boca que guarda
em mim o seu silêncio

– grito que seus cabelos em minha boca
sepultam

o que de ti me calo

OS ANOS

quando os anos dançavam em meus dedos,
eu era triste e sorria.
a mãe carregava coroa de pétalas na cintura,
dançando o sol ensandecido.

era a mãe na mão do filho.

quando a mãe brincou o sol no ânus,
era tempo de descoberta.
o filho dançava coroa triste nas pétalas,
fazendo orvalhos.

era a mãe estancada na pupila do filho.

o filho carregava sorriso nos dedos;
a mãe, o sol no filho.
dançavam coroas ensandecidas
de orvalhos na cintura.

eram pétalas entre filho e mãe.

quando eram filho e mãe, os anos
orvalhavam a cintura triste.
as pétalas ensandecidas de orvalho
conjugavam pupila e tempo.

os anos estancaram mãe e filho;
o tempo ensandeceu dedo e ânus.
as pétalas dançavam o triste sorriso do orvalho.
a mãe brincou na mão do filho.

o sol coroou descoberta.

pétala. orvalho. filho. mãe : conjugados na mão ensandecida.

quando o sol ensandeceu os anos,
(eu era tempo e os anos)

a mãe.
o filho.

GABRIEL RESENDE SANTOS

SOBRE O AUTOR

Gabriel Resende Santos nasceu no Rio de Janeiro, na última década do século passado. Bloga em Occam, Big Bangs e Outras Explosões (<http://hope-landic.blogspot.com>) e Os Escritores Invisíveis (<http://osescritoresinvisiveis.blogspot.com>). Tem alguns textos publicados em revistas eletrônicas. Atualmente trabalha no que pode se tornar seu primeiro livro.

CONTORCIONISMOS

a infelicidade
/contorcionismo

teseu
procurando
o minotauro
em seu labirinto
porque
estava se sentindo muito só

borges
procurando
borges
em seu labirinto
porque
estava se sentindo muito só

a criança suicida
enfiando o indicador
(na tomada)

eu
enfiando o poema
(no vão)

talvez esteja
à procura de algo
à procura de algo que
não fuja de

ti

mim

Si

CINEGRAFIAS

Na poltrona, desperto. Os ruídos
soprando grandes triângulos.
Pirâmides. Cilindros. Em
filas de cinema vislumbrei os pesados volumes
da terra sem lei. No Odeon as mímicas automáticas
de luminosas tesouras de titânio, cortando os tickets
amarelos. As musas sob a pesada lona
exaltavam Wagner e as danças de mãos juntas.
As musas não se entendiam. Forçavam a trilha sonora
nos narizes. Nas testas. Onde assinavam as cifras
e o roteiro da obra-prima. Na poltrona, sabia ser Gigante
e subtrair espíritos em pequenos grunhidos. Era permitido
obter a glória na cabeça do vilão. As palavras flexíveis
viriam das bocas das ninfetas e bem antes das letrinhas.
Porque as musas são de bronze. Porque o céu é de couro.
E depois, porque o depois é fim, na última nota do violino e
no último crédito de figurante, todas as películas do sonho
se tornam uma una e imensa gota corporal
fugindo de olhos entreabertos.

JONATAS ONOFRE

SOBRE O AUTOR

Jonatas Onofre nasceu em Paulista (PE), em 1991. É membro da AICL e cofundador do movimento literário Nauvoadora, de Igarassu (PE). Tem poemas publicados nos seguintes espaços virtuais: Revista Zunái, Portal Interpoética, blog Cantar a Pele de Lontra, site do CCSP e blog da Academia Igarassuense de Cultura e Letras. Mantém o blog Lâmina Lúcida (<http://laminalucida.blogspot.com>).

ASTROLÁBIO

A linha concisa, a seta.
A lâmina das vagas que
rasgam a esfera. Perscrute
e meça.

Sobre o rastro do
orientes. Deriva
o vazio sem lume.
Acenda-lhe um nome.

No calor das anêmonas
sulcando as artérias
do atlântico. Desfralde
da nave, a vela, inflame.

E quando Os signos
despencarem dos
pomares abissais.
Oferte o poema,

lastro de vendavais.

FLOR EM FUGA

Agora arremedo
de constelação explodindo:
Logo mais buraco negro
devorando o vazio.

LUCIANA MARINHO

SOBRE A AUTORA

Luciana Marinho é natural de Recife. Formada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, possui mestrado em Teoria Literária. Pesquisadora nos campos da Intersemiose e da Análise do Discurso Crítica, atua como professora universitária. Mantém o blog Máquina Lírica, no qual publica seus escritos, colagens e fotografias (<http://maquilirica.blogspot.com.br>).

LIVRO DE CABECEIRA

A vida ficou dobrada
dentro do livro de cabeceira
como folha sem raiz.
O tempo apagou os meninos
que não puderam crescer
e se espalharam em sótãos e porões
se empoeiraram de luz.
Um horizonte de céus rompidos
destramou as linhas da mão.

ENTRE OS DEDOS DE DEUS

Alguém de longe gritava:
"A chuva vem desfiando o céu.
Recolham os meninos".
Mas ela estava à beira do mundo,
miúda numa pétala entre os dedos de Deus.
Havia em seu peito a urgência de paisagem:
deixai a infância ser lavada
deixai a infância se voltar para a terra banhada de céu.

O vento tremia o lago de seu vestido de peixes
e a aurora decantava.

MARCELI ANDRESA BECKER

SOBRE A AUTORA

Marceli Andresa Becker é estudante de filosofia e professora. Publicou poemas em diversas revistas literárias. Participou da *Pequena cartografia da poesia brasileira contemporânea*, organizada por Marcelo Ariel, e do trabalho *Canto ancestral* (CD e livro), do cantor nativista sul-riograndense Lisandro Amaral. Participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmargens (<http://mallarmargens.com>). Na área de filosofia, publicou artigos científicos e ensaios em revistas eletrônicas e impressas. Mantém o blog De Ter de Onde se Ir (<http://deterdeondeseir.blogspot.com>).

DAS IRMÃS - I

vagam no con-

vento,

(o eco),

acendem velas para um tipo de sonambulismo

que não sei datar:

as mulheres que se perdem à noite,

as irmãs que lembram

deusas indianas

pelo número de braços,

esticá-los:

frente a uma porta qualquer,

uma flor,

um instrumento de música.

oh, minhas demências,

minhas escamo-

coxas,

doentes de ocos: de rebocos

de batom,

todas as irmãs sonâmbulas,

que babam,

que levitam como um madrigal

de tripas.

juro, nem a noite.

nem a eternidade.

a cabeça

para fora das janelas,

um sem-fim

de comboios.

voam as mulheres nos cabelos

de uma febre que não sei datar:

a música,

(trilhos, corredores,)

o vazio

a escabelar tênias espíritas.

a vida-saginata,

solitária.

(quinze anos, só — furei

pela primeira vez

os dedos

no ninho de arame público-

farpado,)

porque dói ter seios, disseram-me

as mulheres.

doem as colônias de cál-

cio,

(líquen),

que se espraíam pelo

tronco,

sub-

cu-

tânea fome;

uma planta trepadeira

na cintura.

(les fleurs du mal.)

vagam no con-

vés

da morte: lançam para o mar

todas as cordas

de suas

vozes.

cantam longamente o fim.

NUNO RAU

SOBRE O AUTOR

Nuno Rau, poeta, letrista e carioca. Tem poemas publicados em revistas digitais e blogs. Mantém o blog As Musas Pós-Modernas (<http://asmusasposmodernas.blogspot.com>) e participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmargens (<http://mallarmargens.com>).

desvio para o vermelho

Alice não tem mais tempo Senta no chão
e chora Suas lentes estão gastas desde que o Outono
desfez-se como um pesar sobre a natureza Ela
não tem mais tempo e mesmo assim gostaria
de ouvir o rugido que vem das estrelas ou
do espaço entre elas ou não se sabe de que
nenhures vem este rumor que se confunde com a cidade
trincando suas engrenagens enquanto
as galáxias se afastam com ela no centro
sem endereço fixo vendo as estrelas indo embora
como efeitos locais de tanta espera e inventando
teorias pinçadas do que se observa nos escombros
de ser quem é Alice não tem mais tempo Ela
permanece olhando o passado em estilhaços
que são espelhos que fogem com as galáxias
pra dentro de si mesmos apagando pistas Ela
senta no chão e chora cada descoberta como
o acidente de estar no centro e só enquanto
as luzes se afastam antes que se pudesse definir
de onde vem a sua urgência Ela não tem mais tempo
e os pombos não podem mais voar Não podem mais
levar nenhuma carta

cinco ou seis maneiras de se perder na cidade

you tem cinco ou seis maneiras de se perder
na cidade Numa delas
o Livro dos Espíritos é um oráculo
tatuado em braile na pele
de meninas mestiças que dançam
nuas sobre lençóis grená
um cântico sufi enquanto
o sentido arde em suas vísceras e seus pés
escrevem um livro chamado
motel nosso lar Em outra
o labirinto de memórias detona
a dessublimação feroz
que você rasura no Breviário
das Horas, estação
por estação, como se isso
criasse qualquer âncora
entre você e o mundo E ainda uma
que repete ao infinito a metamorfose
em que diante do abismo você
é um poema escrito numa língua
estranha cujo último verso
esconde uma
chave As outras não
interessam

NYDIA BONETTI

SOBRE A AUTORA

Nydia Bonetti, 1958, nasceu e reside em Piracaia, interior de São Paulo. Publica seus trabalhos no blog Longitudes (<http://nydiabonetti.blogspot.com>). Tem poemas publicados na Revista Zunái, Germina Literatura, Portal Cronópios, Eutomia - Revista de Literatura e Linguística, Musa Rara e em outros sites literários e culturais. Acredita na poesia como tradução da "devoção interna", muito além de qualquer manifestação intelectual. Deve lançar seu primeiro livro ainda em 2012.

a chuva. bate. no vidro. do quarto

anunciada presença

feita de vento e ruído

vindos de um templo suspenso – reluz

nos raios. de um sol. que insiste

em flutuar. do outro. lado — adjacente? oposto. latente

bola vermelha em línguas

de fogo

halo e um arco

íris

há begônias lá fora

1

espera. há algo a ser dito. os olhos buscam

fragmentos denegados de nada
no esmeril da pele

2

estreita. rede de fiandeiras. mãos
que procuram

recifes. tridentes. o mar que trina
é quase

um pássaro

3

estanque. o fluxo dos papiros. há begônias
lá fora. recrudescem o olhar

o céu real

é azul

4

reconhece. na tessitura dos pianos. há vozes
vulcânicas

à espera do vento

5

recua. se te parece longo o ofício. se te curva
o fardo

pauta. a tua vida pela tua crença

e segue. não há atalhos

6

resiste

PAULA FREITAS

SOBRE A AUTORA

Paula Freitas é escritora, apaixonada pelas artes plásticas, fotografa: em suma, sua coisa é grav(f)ar. Mantém o blog l-n-t-e-r-m-e-z-z-o (<http://inter-meso.blogspot.com>) e publica periodicamente na Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmargens (<http://mallarmargens.com>).

ESTER

*arquear o corpo da mulher: música xilofonada em ossos. tudo
são arcadas, fósseis, o sangue apaixonado a se espriar pelos
microcanaís das tetas.*
Marceli Andresa Becker

*Uma blusa de cetim continha sua aspereza
A superfície da lixa era o Irreal*

Dez mil decibéis de madeirame sentir a textura dos lenços
sentir a frieza dos metais fala intrincada do concreto esfregando átomos
epiderme estática elegia de dardos em pele de anjo descascado de
éter – filigranas em papel machê amassado – sentir o furor do preto
quando o branco insone súmula prepotente excerto voador do tato

*Cabelos entornam a nuvem
Cartel de fogo-abraço
Milícias tocando Schubert
Simultaneidade do esparso*

Absorto onírico o tronco espalha-se a noite tem cem mil
escravos uma mulher curva-se a quilômetros no espaço – tecer
as notas de guerra – sentar-se beber-se liquefazer o pânico
em organogramas teóricos: no centro entorna um copo de leite
vazio – como há leite? – não há: solidez mecânica nas patas de
barata método para cozer o poema tornar-se pegajoso feito átrio
de linguagem esmorecer-se em assomo – a merda espalha-se
doloroso o ser sente a origem da insurgente aura

Melancolia de objetos fecais corre o sangue o súbito despertar
de espermas – o que há no centro das estrelas? – qualquer outro
movimento que não seja selva

*Curva-se em triângulo harmonia
O objeto que não seja sonho
Ferido de morte espinho
Intrincado de estrógeno*

Em casulo só há o verme quente dourar destroços anima
despida de res nos trópicos – soluçar até não sentir os pés, tropeçar sem
direção, recôndito solícito de pães forno a lenha do desespero feminil

Ser teu sangue conquanto sem seus céis maresia disforme
em contramão ser signo enquanto sopé – dá-me um pedaço de
chão – louca tempestade do inaudito semântica fluindo ao controle
da mente enlouquecido contido em retóricas crentes: tatear bordas
de útero expelir placenta natimorta o filho crescendo invisível
assombrando portas

Rochas sobre rodas: o galgar do cavalo cevando cimento
– um rapaz chora – aventura emocional sob juncos de asfalto a
luzir aquilo que outrora fora lenha: chão de barro pisado, ao fundo
decrecentes toras: esguichos de pele-masmorra: muralha do ser

RAUL MACEDO

SOBRE O AUTOR

Raul Macedo, poeta carioca. Publica seus poemas no blog Todas as Vozes. Nenhuma (<http://raul--macedo.blogspot.com.br>) e participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmagens (<http://mallarmagens.com>).

VARIAÇÕES EM TORNO DE UMA PEDRA

1

Uma pedra não deixa de ser pedra
quando eu deixo de olhá-la
ou nomeá-la mas já não é a mesma
como disse o filósofo do rio
não se pode entrar nela duas vezes
e ela passa a ser esta pedra
desol(h)ada.

2

Uma pedra plena
é uma pedra cheia de gargantas
por mais que seja pequena
tem seu mundo mudo
e vasto para os geólogos
(ela é um universo
de opaco)

e o tempo também diz isso
coletando lápis-lazúli

3

No meio de toda pedra
se bem repararem
há um caminho para o devaneio
para além de qualquer palavra

mais do que estar no meio
como dizia Carlos
tem um meio cheio de meios
e está febril e habitada
pelos caminhos do silêncio

é um silêncio ornamentado

4

Uma pedra desolhada
é uma pedra plena
por mais que seja minério
todas são preciosas
cada uma tem a sua forma
singular desabitada.

Não emitem nenhum som
mas conversam com as águas.

ANDANÇA

para Roberta Tostes Daniel

Meus dedos já se arrastam,
o lustre desfaz-se em pedaços;
o mando é a vida, a carga, a mala,
o caco.

E a passada se dá pelo chão,
na terra em que a sanga peleja
com a secura de minhas mãos
de crua areia.

O mundo é seco, árido, pedra,
e eu não sabia que o mar tinha peias
porque tem sede, mas à praia volta
quando receia.

E o meu sonho se dá por distâncias,
andar a esmo ainda é confronto;
mas o mundo, nem tão vasto mundo,
é um edifício

que esperneia.

ROBERTA TOSTES DANIEL

SOBRE A AUTORA

Roberta Tostes Daniel, poeta carioca. Escreve no blog Sede em Frente ao Mar (<http://sedemfrenteaoamar.wordpress.com>) e participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmagens (<http://mallarmagens.com>).

MOVIMENTOS

Que demônio mais versátil!

Raduan Nassar

As cordas – este corpo – tocas
com as notas nos teus dedos;
matéria acústica, madeira de ventre
ressoam o movimento.

Mistério que preenche, vazio por vazio,
a cadência de sangue.

Presentes as imagens na substância da caixa;
qual Pandora, insubstancial, sobre a cama,
em pestes de aço, que avultam, cantando.

Gemes, na cegueira com que, versátil,
o teu demônio dança; ventre
tangendo o punho do metal;

dedos em pestana, rugem
rangendo no solo
pés de improviso.

Retorcem, dilatando, no exílio,
os rastros de Mnemosine,
para a língua dos sons.

Tocas um corpo e toda uma utopia.
O imaterial; mas a matéria de teus dedos,
mas o teu movimento; mais, o som
deste mistério, como um símbolo

a devorar no silêncio; caminhas
como se inventasses uma alma;
lúcido, no mito órfico, tua música
me vislumbra, na fálica predição

ou nas cavas, tantas vezes
por vir; quando tocas nas cordas
a semear neste silêncio, morro,
sem que ao menos olhes para trás.

Eu que te ouço, desde a música
sou a mulher. É trágica libertação.

Volvemos, cada qual, ao seu redemoinho,
cansados de labirintos, como se soubéssemos

adivinhar o início furioso
e convulso do toque ancestral;
antes da exaustão concêntrica
e subterrânea das ondas.

Agora, em cantábile, amansando águas,
como se mudassem referentes,
só que os deuses lembram os mesmos ecos

da força mítica de tuas notas;
apenas migraram instrumentos
no meu corpo imemorial.

OS TÍMIDOS, AS ROSAS

Os tímidos
Não esmorecem
As rosas.

Singram para o olfato
Não sabem onde
Ancorar as mãos.

Navegam
O desejo do toque
E transbordam.

Perfumes carregam
No ar
O desejo da cor.

VASCO CAVALCANTE

SOBRE O AUTOR

Vasco Cavalcante foi um dos fundadores do Fundo de Gaveta, grupo de poesia alternativa do início dos anos 1980. Criou o site O Poema, contendo resumo biográfico e poemas de autores consagrados no século XX. Desenvolve e mantém o site Cultura Pará há 15 anos, contemplando artistas paraenses das mais diversas áreas. Participou da antologia *Poesias: coletiva* (Edições SEMEC-85), com textos poéticos no livro *Porque hoje é sábado*, do fotógrafo Bob Menezes. Tem poemas publicados nas revistas Zunái e Polichinello. Participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmagens (<http://mallarmagens.com>). Site: <http://www.culturapara.art.br>.

Quando olho um rio,
rio inteiro olha

híbrido,
transcendo-me

à míngua,

a lua
fareja o esplendor,

arfa,

aspira poro a poro a pele úmida,

coração aos saltos
a pele vibra, singra

nas entranhas
nas estrelas

VIKTOR SCHULDTT

SOBRE O AUTOR

Viktor Schuldt é poeta. Escreve no blog Vade Mecum (<http://viktorschuldt.blogspot.com.br>) e participa da Revista-Blog de Poesia Contemporânea Mallarmagens (<http://mallarmagens.com>).

CARNE MOÍDA (OU PUNHETA)

Luz do dia artificial, produzida por filtros azuis, não pode ser levada em conta para açougues, porque carne sempre exige uma iluminação sob a qual a luz natural da carne nada sofre.

[...]

- Jó, não pode abrir seus olhos, estão grudados, você se queixa porque está deitado na horta dos repolhos, e a casinha do cachorro é a última coisa que lhe restou, mais a sua enfermidade.

- A voz, a voz, a voz, de quem você é, e onde se esconde?

[...]

- Eu sou Satanás.

- Cure-me.

Alfred Doblin

Com avental salpicado (manchas grossas e raivosas dando a entender que eram mesmo olhos vermelhos que trepidavam na cauda de pavão): chuva-sangue envolve o corpo demoníaco do açougueiro cada vez mais firme em seus golpes – firmes golpes seguidos como uma cabeça luminosa entre a garoa de cascas de maçã

A lepra-fome (mais uma vez: golpe – come) que luz-tange no breu agudo – a noite em vapor (aço queimado) é a mãe que surpreende o adolescente no ato da masturbação a quebrar a madrugada de maneira semelhante aos anjos que plantam dinamites nas cavidades de baleias ou sob asas de pelicanos e esperam fumar a doçura duma fulva-explosão

Candeias nascentes
Cavam sonhos pelo avesso
Avessonham antes
Da morte à luz

Está decidido (escafandro de bronze pesa sobre os ombros) rasga cartas de amantes imaginárias – ouvira o pai dizer esquece a estalactite dos ovários ao molestar a carne – e nunca mesmo teve pai ou ramo masculino do qual mergulhasse: lembrasse

Mais lembra quanto mais vêm do além-deserto as hordas famintas que o mordem (entanto)

Pode a morte doer assim como a rosada graça do balé não evita antes encobre com bigornas o pé da bailarina
Morte: autoacrescentar constante de engrenagens (plumas negras espetadas num boneco de neve) e no centro – com frio sempre – o fogo empenhado em derreter ou apagar: lobos e mais lobos sobre os galhos nus de uma árvore

Acorda agora – se pega enquanto deseja a própria mãe (morte dolorosa): a corda – enforca

Cada espinho que se acrescenta à grossa pele da mão deixa emanar endorfina em torno

É como o braço se deixa

cair

com a faca – firme

A carne ganha dobras sulcos divisões subdivisões – são as ciências que vão denominar cada pedaço agora: cair constante

Cair

Cair

(Cair)

Chuva-sangue

Nuvens de fino fio fagulham

Nomes

Nomes

(Nomes)

Máxima potência realizada – o boi imenso-negro no final do corredor

Vamos todos juntos construir a noite ouve no MP3 o funcionário cada qual com os cornos recebidos vamos girar entre a névoa e bailar não se pode desistir afinal

Agora junto da Mãe – aquela que também gerou cada prego fundido às carnes de Cristo e da placenta tirou o homem que após amainadas as ceras das asas pelo Sol penetrou a silenciosa choldra – se alisa e gargalha e infunde mais presas à Queda

Prefeitura de São Paulo Gilberto Kassab
Secretaria de Cultura Carlos Augusto Calil

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Márcia Augusto Ribeiro e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Janete El Haouli e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Desvio para o vermelho (Treze poetas brasileiros contemporâneos) | Coleção Poesia Viva **Organização** Marcella Andresa Becker **Autores** Daniel Faria, Diogo Cardoso, Gabriel Resende Santos, Jonatas Onofre, Luciana Marinho, Marcella Andresa Becker, Nuno Rau, Nydia Bonetti, Paula Freitas, Raul Macedo, Roberta Tostes Daniel, Vasco Cavalcante e Viktor Schuldt **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

COLEÇÃO POESIA VIVA

distribuição: gratuita, no CCSP

tiragem: 800 exemplares

São Paulo, 2012

isbn: 978-85-86196-48-5



WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR
R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraiso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br